

Antonia Soulez, *Détrôner l'Être. Wittgenstein Antiphilosophe ? (En réponse à Alain Badiou)*, “Le Discours Philosophique”, Paris: Lambert-Lucas, 2016, 297 pp., ISBN: 978-2-35935-169-9

O último livro de Antonia Soulez elabora uma crítica justa à leitura que Alain Badiou realiza da obra de Wittgenstein¹: a avaliação deste último por parte de Badiou é posta à prova, nomeadamente a sua caracterização de Wittgenstein como anti-filósofo – expressão que toma de Lacan² – é testada e lida à luz do exame e apreciação, quer das mesmas observações citadas por Badiou para justificar a sua análise, quer de outros trechos que excedem o âmbito mínimo a que o mesmo se reporta. *Détrôner l'Être. Wittgenstein Antiphilosophe ? (En réponse à Alain Badiou)*, é um escrito corajoso, denso e nutritivo: além de apresentar uma crítica mordaz à representação que Alain Badiou faz da obra de Wittgenstein, contribui para a interpretação do pensamento do filósofo austríaco com uma leitura suportada por uma argumentação que não deixa ponto sem nó, e apoiada num conhecimento sólido e vasto da sua obra extensa (bem como em textos incontornáveis da literatura secundária), que Soulez comenta – do *Tractatus Logico-Philosophicus*³ até às mais recentes observações filosóficas que o mesmo nos deixou.

¹ Alain Badiou, *L'Antiphilosophie de Wittgenstein*, “Antiphilosophique Collection”: Nous, 2009.

² *Ibid.*, p.7.

³ Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus – Logisch-philosophische Abhandlung*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2003. [*Tratado Lógico-Filosófico + Investigações Filosóficas*, Bertrand Russell (intro.), M. S. Lourenço (trad. e Prefácio), 3.^a ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. (TLP)]

O título do livro coloca em destaque um dos ditados que Wittgenstein elabora para Schlick *via* Friedrich Waismann, no início dos anos 30⁴, e que tem por título “Filosofia” (*Philosophie*). Veja-se a parte que mais nos interessa aqui:

[P]oderíamos dizer: não há tal coisa como o problema da filosofia, mas apenas problemas da filosofia, i.e., confusões linguísticas que eu posso esclarecer. A filosofia não é destruída pela observação que tira do seu trono as palavras ‘linguagem’, ‘sentido’, ‘mundo’, etc., antes, a observação é ela mesma filosófica. A palavra ‘filosofia’ também não é uma palavra metalógica. A filosofia recebe o seu *pathos* do *pathos* das proposições que destrói. Derruba ídolos, e é a importância destes ídolos que lhe dá a sua importância. O único aspecto metalógico da filosofia é a crença naquelas coisas que expõe como não sendo metalógicas. Esta é a sua ligação com o metalógico.⁵

(Voltaremos a estas palavras de Wittgenstein.)

Aqueles ditados, posteriores à publicação do TLP e ao intervalo de tempo após Wittgenstein o ter completado e durante o qual, apesar de não abandonar por completo a filosofia – recordem-se, a título de exemplo, as conversas que mantém com Frank P. Ramsey, que o visita na época em que Wittgenstein era professor primário na Áustria rural –, deixa o seu livro entregue à sua própria sorte (como é bem sabido, Wittgenstein considerava que o TLP tinha resolvido os problemas da filosofia, sendo que nada mais havia a fazer ou a dizer⁶). Wittgenstein virá a reconhecer que o *Tractatus* levanta dificuldades – embora não achasse que estava todo errado e que era, como diz Elizabeth Anscombe, como um relógio que está parado –, dificuldades essas que o desafiam e que, a seu tempo, o fazem reconsiderar aquele abandono. Paulatinamente, Wittgenstein não só retoma criticamente

⁴ Cf. Ludwig Wittgenstein, Friedrich Waismann, *The Voices of Wittgenstein: the Vienna Circle*, Gordon Baker (transcrição, ed., intro.), Gordon Baker, Michael Mackert, John Connoli, Vasilis Politis (trad.), ed. bilingue alemão-inglês, London & New York: Routledge, 2003. Em França, este volume foi editado pela primeira vez em 1996 por Antonia Soulez, que o voltou a editar em 2015, tendo-lhe acrescentado um retrato de Friedrich Waismann, da pena de Brian McGuinness: Ludwig Wittgenstein, *Dictées à Friedrich Waismann et pour Moritz Schlick. Années 1930*, Antonia Soulez (ed.), Jan Sebestik, Antonia Soulez, François Schmitz, Jean-Pierre Cometti, Gérard Guest, Christiane Chauviré, Ludovic Soutif (trad.), “Analyse et philosophie”, 2.^a ed., Paris: Vrin, 2015.

⁵ Ludwig Wittgenstein, Friedrich Waismann, *The Voices of Wittgenstein: the Vienna Circle*, pp. 122-124.

⁶ Cf. TLP, Prefácio e TLP 7.

os temas da sua *Abhandlung*, como desenvolve toda uma nova perspectiva filosófica, que se irá verter em diversas metodologias e numa nova visão da linguagem e da vida humana. Por exemplo, o solipsismo tractariano, que coincide com o realismo, irá transformar-se e dará lugar à descoberta da forma de vida – ou formas de vida – entendida como aquilo que nos é dado e como a própria respiração dos nossos jogos de linguagem (um quase-conceito – na medida em que as suas fronteiras são opacas e o mesmo é indefinível mediante traços precisos – fundamental da sua chamada ‘segunda filosofia’).

É o aparecimento desta nova perspectiva que se encontra resumido na expressão, “de l’Être à l’être”, usada por Soulez e que atravessa toda a sua argumentação, que não se limita a tomar o peso das considerações de Badiou sobre o *Tractatus*, mas reivindica o valor da actividade filosófica que se lhe seguiu, valor esse que não é reconhecido por Badiou, que a desconsidera ou não a leva a sério⁷ (uma atitude que não constitui uma novidade: Bertrand Russell pensava que Wittgenstein tinha desistido do labor árduo da filosofia). A passagem do Ser, com letra maiúscula, ao ser, com letra minúscula, é uma das pedras-de-toque da caracterização do trabalho do filósofo, assim como da matéria da sua filosofia, que, de acordo com a autora, ele virá a defender, disso dando mostras na passagem acima transcrita, que remete para a destruição de ídolos que toma forma no movimento de tirar do seu pedestal palavras que foram essenciais a Wittgenstein, e, devemos acrescentar, a toda uma galeria de filósofos. Por este motivo, Soulez sublinha que, a ser anti-filósofo, Wittgenstein é anti-metafísico, quer dizer, não tanto contra a filosofia, mas, isso sim, contra o estatuto de certas palavras tidas por sublimes, alertando-nos para o que nos espera se cedermos à inclinação para as enaltecer, a saber, perder de vista a trama de que fazem parte. E só esta nos pode valer se quisermos compreender como são de facto usadas, o papel que desempenham nos modos de agir e de dizer humanos. Antonia Soulez, com razão, chama a atenção para o facto de que para Wittgenstein “filosofar rimará com des-sublimar os objectos que visamos e aos quais damos um estatuto elevado, aumentado, uma aura. Estas formas de linguagem que fascinam são fruto de uma exaltação subjectiva. O afecto toma muito espaço.”⁸

Não deixando ainda de lado a citação dos ditados, cabe-nos notar que o seu impacto no livro é considerável, na medida em que revela uma

⁷ Cf. Alain Badiou, *L’Antiphilosophie de Wittgenstein*, p. 11.

⁸ Antonia Soulez, *Détrôner l’Être. Wittgenstein Antiphilosophie ? (En réponse à Alain Badiou)*, p. 225.

mudança de monta no trajecto wittgensteiniano, que a autora toma em mãos e que é uma das suas ferramentas para clarificar aquilo que Badiou entende por anti-filosofia, e que o leva a apelidar Wittgenstein de anti-filósofo, clarificação que lhe permitirá depor a posição com que se confronta.

O que aos olhos de Badiou classifica um pensador como anti-filósofo, abrange, entre outras coisas que enumera, a tarefa de chamar a atenção de outros filósofos para o carácter sempre contemporâneo das condições e verdades da filosofia, assim como da construção de novos conceitos se realizar na controvérsia dos tempos, devendo estar sempre atento ao que já existe sem se deixar absorver pelos saberes académicos; o anti-filósofo é também um rebelde e alguém que assume a voz de um mestre⁹. Badiou adverte que o anti-filósofo, apesar da necessidade que lhe incumbe de não se contentar com o já estabelecido, não deve desafiar a filosofia conduzindo-a à ruína – e, para Badiou, de acordo Antonia Soulez, Wittgenstein opõe-se à filosofia, i.e., escreve contra ela, nomeadamente no seu TLP. Ora, como bem mostra a autora, Wittgenstein não faz e não pretende tal coisa: à filosofia, crítica da linguagem, é atribuída a importante tarefa de clarificar a expressão do pensamento. Contudo, é por Badiou querer dizer com filosofia, a “filosofia como matemática inaugurada por Platão”¹⁰, que acaba por rejeitar a posição tractariana no seu todo. Badiou considera grave que os anti-filósofos ponham a matemática em perigo, que cedam rapidamente a essa tentação – e o pior é que isso é ainda mais insidioso no caso de Wittgenstein, que, segundo ele, era tão genial nesse campo e acaba por reduzi-la a um “jogo de crianças”¹¹ (muitos documentos do punho de Wittgenstein contrariam esta avaliação¹²). Badiou considera ainda que o desprezo pela matemática é fatal e é também por isso que se fica pelo *Tractatus*, onde o pressente já, apesar de ainda misturado com “adoração”.

Porém, é também por se limitar a um modo possível de conceber a anti-filosofia, que Badiou a restringe e se restringe ao *Tractatus*, que despede em bloco. Antonia Soulez, por seu turno, distingue vários modos segundo os quais a anti-filosofia se pode exercer e expõe quatro tipos que podem

⁹ Cf. Alain Badiou, *L'Antiphilosophie de Wittgenstein*, p.8.

¹⁰ Antonia Soulez, *Détrôner l'Être. Wittgenstein Antiphilosophie ? (En réponse à Alain Badiou)*, p. 12.

¹¹ Alain Badiou, *L'Antiphilosophie de Wittgenstein*, p. 12.

¹² Cf., e.g., os capítulos do ‘Grande Dactiloscrito’ sobre os fundamentos da matemática, os números cardinais, a prova matemática e o infinito na matemática: Ludwig Wittgenstein, *The Big Typescript: Ts213*, Kritische zweisprachige Ausgabe Deutsch–Englisch, C. Grant Luckhardt, Maximilian A. E. Aue (ed. e trad. inglesa), Oxford: Blackwell Publishing, 2005, pp. 370-391, pp. 392-416, pp. 417-442 e pp. 483-505, respectivamente.

atribuir-se a Wittgenstein: a anti-filosofia que todas as filosofias operam (Soulez sublinha que este tipo não é tido em conta por Badiou, que não o discerne em Platão¹³); a anti-filosofia que combate o platonismo de Platão e a anti-filosofia de Wittgenstein em relação ao seu TLP, de certo modo herdeiro do platonismo *via* a influência de Frege (variantes da anti-filosofia que combate o Ser da metafísica); a anti-filosofia da renúncia da explicação por parte de Wittgenstein, em favor da filosofia enquanto actividade, e, finalmente, a anti-filosofia posta em jogo mediante uma polifonia de vozes que visa dissuadir a voz da tentação ou propensão para a idealização.

Gostaríamos de terminar com um breve comentário sobre um dos temas de Soulez, a saber, “eliminar da compreensão o *pathos* do afecto de compreender”¹⁴. Wittgenstein quer dismantelar o afecto que se faz sentir na inclinação para sublimar certas palavras, à qual nos referimos acima e que Soulez vê como o resultado do combate contra o desejo de filosofar no sentido da teorização – e não da prática. A autora considera que a filosofia de Wittgenstein, embora pretenda alcançar uma certa frieza – capaz de deter a nossa tendência para nos desligarmos do mundo real –, não nos deixa indiferentes, “ou a amamos ou não a amamos”¹⁵. Soulez conclui que, talvez, no que toca aos seus escritos, não possamos abrigar-nos daquele *pathos* do afecto de compreender¹⁶. Com efeito, a compreensão dos textos de Wittgenstein parece depender de uma afinidade do leitor com o autor, que este expressa de vários modos ao longo dos anos. Lê-se no TLP, “quem *me* compreende” (TLP 6.54) – mais tarde dirá, e.g., que o que escreve é para aqueles espíritos que se acham em acordo com o seu espírito, para os amigos espalhados pelos cantos do globo. Todavia, Soulez não adere à ideia de que “faria falta repor o afecto na sua filosofia, mesmo que isso tente muitos intérpretes!”¹⁷ Parece-nos, contudo, que Antonia Soulez quer simplesmente sublinhar a necessidade de não deixar o *pathos* da filosofia ofuscar a nossa relação com as palavras, fazendo-as parecer únicas e mercedoras de letra maiúscula, pois aquilo que pretende salvaguardar é o fito

¹³ Cf. sobretudo o primeiro capítulo de Antonia Soulez, *Détrôner l'Être. Wittgenstein Antiphilosophie ? (En réponse à Alain Badiou)* : “Ce mot d’*antiphilosophie*”, pp. 23-54. Cf. também pp. 238-236 da secção 9, “Une philosophie de la propension ou le sujet de la tendance: «Socrate est aussi un grand érotique» (Nietzsche)”, do capítulo V: “L’antiphilosophie selon Lacan” (pp. 203-244).

¹⁴ Antonia Soulez, *Détrôner l'Être. Wittgenstein Antiphilosophie ? (En réponse à Alain Badiou)*, pp. 236-244.

¹⁵ *Ibid.*, p. 239.

¹⁶ *Ibid.*, p. 240.

¹⁷ *Ibid.*, p. 236.

wittgensteiniano da acalmia, do refrear das “*paixões* que vêm parasitar os nossos conceitos”, uma vez que, como devemos notar, o *pathos* da filosofia não desaparece, mas é deslocado, passando a fazer-se sentir “na destruição de ídolos”, e Soulez não ignora este facto, que, em bom rigor, perpassa a sua caracterização dos vários tipos de anti-filosofia que descreve.

Concluindo, é preciso acrescentar que em *Détrôner l'Être, Wittgenstein Antiphilophe? (En réponse à Alain Badiou)* Antonia Soulez trata de muitas mais questões do que nos é possível comentar neste espaço. Podemos, no entanto, assegurar que a leitura do livro é muito fecunda para todos os que estudam Wittgenstein, sendo-o também para aqueles que retiram proveito de um livro de filosofia que tenta algo difícil, nomeadamente “fazer justiça aos factos”¹⁸ – sendo que aqui esses factos dizem respeito à obra de Wittgenstein.

¹⁸ Cf. Ludwig Wittgenstein, “Bemerkungen Über Frazers *Golden Bough*”, in *Philosophical Occasions*, James C. Klagge, Alfred Nordmann (eds.), Indianapolis & Cambridge: Hackett Publishing Company, 1993, p. 128: “Nada é mais difícil do que fazer justiça aos factos.”

Bibliografia:

- Alain Badiou, *L'Antiphilosophie de Wittgenstein*, “Antiphilosophique Collection”: Nous, 2009.
- Antonia Soulez, *Détrôner l'Être. Wittgenstein Antiphilophe ? (En réponse à Alain Badiou)*, “Les Discours Philosophique”, Paris: Lambert-Lucas, 2016.
- Ludwig Wittgenstein, “Bemerkungen Über Frazers *Golden Bough*”, in *Philosophical Occasions*, James C. Klagge, Alfred Nordmann (eds.), Indianapolis & Cambridge: Hackett Publishing Company, 1993.
- Ludwig Wittgenstein, *The Big Typescript: Ts213*, Kritische zweisprachige Ausgabe Deutsch–Englisch, C. Grant Luckhardt, Maximilian A. E. Aue (ed. e trad. inglesa), Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- Ludwig Wittgenstein, Friedrich Waismann, *The Voices of Wittgenstein: the Vienna Circle*, Gordon Baker (transcrição, ed., intro.), Gordon Baker, Michael Mackert, John Connoli, Vasilis Politis (trad.), ed. bilingue alemão-inglês, London & New York: Routledge, 2003. [*Dictées à Friedrich Waismann et pour Moritz Schlick. Années 1930*, Antonia Soulez (ed.), Jan Sebestik, Antonia Soulez, François Schmitz, Jean-Pierre Cometti, Gérard Guest, Christiane Chauviré, Ludovic Soutif (trad.), “Analyse et philosophie”, 2^a ed., Paris: Vrin, 2015.]
- Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus – Logisch-philosophische Abhandlung*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2003. [*Tratado Lógico-Filosófico + Investigações Filosóficas*, Bertrand Russell (intro.), M. S. Lourenço (trad. e Prefácio), 3^a ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.]

Alexandra Dias Fortes
alexandramdias@gmail.com